

Análise Temática Dialógica como método de análise de dados verbais em pesquisas qualitativas

Cátia Cândido da Silva

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Fabrcia Teixeira Borges

Universidade de Brasília

Resumo

Este artigo pretende exemplificar a utilização do Método da Análise Temática Dialógica a partir de uma pesquisa cujo objetivo foi analisar a produção de significados das concepções de gênero em professores, por meio de suas narrativas de história de vida. A partir dos dados produzidos foram identificados os temas e subtemas recorrentes nas narrativas e construídos os mapas de significados, os quais evidenciaram que: (a) as concepções de gênero do/as professor/as participantes da pesquisa são variadas e correlacionam-se com as concepções difundidas socialmente, e (b) os elementos constitutivos religião, família, formação e profissão apareceram amalgamados nas dinâmicas de significação nas concepções de gênero dos entrevistados.

Palavras-chave: método; análise temática dialógica; pesquisa qualitativa, dialogismo.

Análisis Temático Dialógico Como método de análisis en investigaciones cualitativas

Resumen

Este artículo pretende ejemplificar la utilización del Método del Análisis Temático Dialógico a partir de una investigación cuyo objetivo fue analizar la producción de significados de las concepciones de género en profesores, a través de sus narrativas de historia de vida. A partir de los datos producidos se identificaron los temas y subtemas recurrentes en las narrativas y construidos los mapas de significados, los cuales evidenciaron que: (a) las concepciones de género del / las profesor / as participantes de la investigación son variadas y correlacionan con las (b) los elementos constitutivos religión, familia, formación y profesión aparecieron amalgamados en las dinámicas de significación en las concepciones de género de los entrevistados.

Palabras clave: método; análisis temático dialógico; la investigación cualitativa, el diálogo.

Dialogical Thematic Analysis As Analysis Method in Qualitative Research

Abstract

This article aims to exemplify the use of the Dialogical Thematic Analysis Method from a research whose objective was to analyze the production of meanings of the conceptions of gender in teachers, through their narratives of life history. From the data produced, recurrent themes and sub-themes were identified in the narratives and the meaning maps were constructed, which showed that: (a) the gender conceptions of the research participants are varied and correlate with the (b) the constituent elements of religion, family, formation and profession appeared amalgamated in the dynamics of signification in the conceptions of gender of the interviewees.

Keywords: method; dialogical thematic analysis; qualitative research, dialogism.

Analyse thématique dialogique comme méthode d'analyse dans la recherche qualitative

Résumé

Cet article vise à illustrer l'utilisation de la Méthode d'Analyse Thématique Dialogique à partir d'une recherche dont l'objectif était d'analyser la production de significations des conceptions du genre chez les enseignants, à travers leurs récits d'histoire de vie. A partir des données produites, des thèmes récurrents et des sous-thèmes ont été identifiés dans les récits et les cartes de signification ont été construites, qui ont montré que: (a) les conceptions des participants aux recherches sont variées et corrélées avec les (b) les éléments constitutifs de la religion, de la famille, de la formation et de la profession apparaissent fusionnés dans la dynamique de la signification dans les conceptions du genre des interviewés.

Mots-clés: *méthode; analyse thématique dialogique; recherche qualitative, dialogisme.*

Introdução

Em uma visão dialógica da linguagem, não se pode deixar de levar em consideração que a interação e a atividade nas entrevistas utilizadas na construção de dados da pesquisa qualitativa são técnicas relevantes e contribuem para as análises que surgem dos resultados. Neste artigo, para discutir o método de análise temática dialógica utilizamos um estudo em que usamos entrevistas como uma das formas de construção de dados e, por isso, abordamos alguns aspectos da oralidade e da relação com a comunicação. A interação que ocorre ao se entrevistar não é ingênua e nem imparcial, uma vez que ocorre um encontro dialógico entre participantes e pesquisador.

Para Voloshinov (2014) e Bakhtin (2011), toda ação reflete a postura ideológica pela qual o grupo é permeado. A fala e os conceitos são também mediadores ideológicos entre a pessoa e seu grupo. É por meio da fala que as possíveis ideologias que estão regulando os significados do grupo e suas ações podem ser identificadas. Leontiev (1980) e Antsiferova (1997) destacam que a atividade constrói e é construída pelo indivíduo, tendo a fala e os instrumentos como mediadores desse processo. Amorim (2002) enfatiza que “todo enunciado é constitutivamente dialógico, uma vez que

haverá, sempre, ao menos, a voz do leitor que falará no texto ao lado da voz do locutor” (p. 12). Os textos são sempre polifônicos, uma vez que compõem-se de vozes que se interlaçam para formar a narrativa. Na narrativa, não apenas as vozes presentes no discurso apontam para o que se quer comunicar e negociar, mas a ausência de certas vozes, ou seja, os silêncios também são reveladores do discurso. O silêncio nesse discurso é um silêncio paradigmático, das possibilidades de significação culturais mantidas *in absentiae* (Barbato-Bloch, 1997; Wertsch, 1998).

A proposta que apresentamos aqui, como método de análise de entrevistas, grupos focais e até mesmo filmagens, parte da concepção bakhtiniana onde a definição de temas e a descrição dos processos dialógicos como forma de entender as interações no momento da produção de informação são o foco.

Atkinson (1998), ao abordar a entrevista de história de vida nas pesquisas, ressalta que esse tipo de entrevista é elucidadora para o pesquisador e para o entrevistado. Ao formular a narrativa de fatos importantes de sua vida, o entrevistado também reorganiza os aspectos e os significados do que é contado. Pode haver momentos de emoções ou de dificuldade de falar. O entrevistador tem que ser hábil para ouvir e motivar a fala. Há uma participação por parte do entrevistador que se assemelha a uma conversação, mas o autor destaca que há diferenças entre esse tipo de entrevista e uma conversa. Há uma pessoa que fala e outra que ouve e instiga a conversa. Há uma participação, mas em função de ouvir o outro. Nós dizemos que há um posicionamento específico na situação sócio-comunicativa que evidencia a circularidade bakhtiniana e a polifonia dos processos de significação.

Vieira (2001) retoma, historicamente, o conceito de ‘estrutura narrativa’ e faz uma abordagem crítica ao conceito. O autor destaca que a narrativa tem seu estudo a partir de Aristóteles. Com Vladimir Propp estabelece-se uma estrutura de narrativa a partir dos contos de fadas russos, em que a narrativa se constrói a partir de fatos estruturais que se repetem e que apenas os personagens teriam seus nomes alterados de um conto para outro. Porém, a temporalidade define a narrativa e sua organização: enquanto alguns autores estabelecem que esta sequência temporal seja organizada e linear, outros defendem que apesar de estar organizada em um eixo temporal e cronológico, a narrativa não precisa obedecer a uma forma rígida na sua evolução, mas, ter a ação como base, e parece ser um requisito com o qual todos os autores citados por Vieira (2001) concordam. Em estudos elaborados em nosso grupo (Caixeta, 2001, Delamôra, 2003) percebemos que a sequência dos fatos é determinada pelos pontos de mutação (Bruner, 1997).

Cunha (1997) faz uma reflexão sobre o papel das narrativas no ensino e na pesquisa. A narrativa é uma forma de mudança para o sujeito que narra e para seu interlocutor. Há uma relação íntima e dialética entre o que se narra e a experiência vivida – tanto como suporte para a narrativa, quanto o próprio ato de narrar.

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao 'ouvir' a si mesmo ou ao 'ler' seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando sua própria existência. (p. 3)

A autora ainda destaca que às vezes é difícil separar-se daquilo que é vivido e do que se está para viver. As crenças, expectativas e experiências possibilitam à pessoa novas intenções, novos projetos e possibilidades. Ao descrever as possibilidades de trabalho das narrativas com os professores, Vieira (2001) ressalta que esse tipo de trabalho tem o objetivo de fazer com que a pessoa se perceba. Nós pensamos que as narrativas são mediadas por significações e expressam interpretações do si-mesmo que, do presente, conta histórias e expressa suas expectativas de futuro. A narrativa em uma entrevista pressupõe a interlocução com o pesquisador e portanto, um processo polifônico e dialógico.

Neste ponto consideramos que a Psicologia Cultural aproxima-se dos pressupostos do linguista Mikhail Bakhtin o qual, embora não fosse um teórico da psicologia, defendia que, por meio das interações, o signo é socialmente partilhado e resultante do consenso entre os indivíduos de um grupo específico. Assim, a enunciação de um signo é sempre também a enunciação de índices sociais de valor, isto é, "a enunciação de um signo tem um efeito de sentido que decorre da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semântico-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valores (Faraco, 2009, p. 54).

Os enunciados, no entanto, conforme Bakhtin/Voloshinov (1929/2014) não se encontram acabados, mas, ao contrário, vão-se construindo ao longo da interação dialógica. Desta maneira, o enunciado configura em si o próprio processo de interação, seja ele verbal ou não verbal, tendo sua forma e significado determinados e construídos pelo contexto interacional, considerando sua natureza constitutiva social e histórica. Por este ponto de vista, mesmo uma "enunciação monológica é produzida para ser compreendida no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante" (Bakhtin/Voloshinov, 1929/2014, p. 101). Isso porque a própria concretização da palavra, ainda que ela esteja no enunciado monológico, só se torna possível pela sua inclusão no contexto histórico.

Psicologia Cultural e Análise temática dialógica

Intencionando avançar na compreensão da agencialidade do indivíduo nessa co-construção cultural e de si mesmo, ou seja, em como ele atua como agente de si a partir da sua "capacidade e habilidade para atuar reflexivamente sobre o mundo" (Carlucci, 2013), apoiamo-nos, ainda, na Teoria do *Self* Dialógico, (Hermans, 1996, 2001) a qual, ancorada na Teoria de *Self* de William James e nos pressupostos do

dialogismo e da novela polifônica de Bakhtin (Moreno & Branco, 2014), considera o *Self* como um sistema plural, polifônico e dialógico. Desta forma, admitimos a complexidade e a multiplicidade dos processos de desenvolvimento humano e a participação de alteridades (outros) na produção e no compartilhamento de significados a partir das interações das pessoas.

Deste modo, o *Self* é compreendido como o campo onde coexistem diferentes posições, sendo que cada uma das posições traz uma voz singular repleta de valores específicos que se entrecruzam nos diálogos intrapessoais, nas contendas, nas concordâncias e nas disputas, tal qual ocorre nos diálogos interpessoais (Bakhtin/Voloshinov, 1929/2014; Bruner, 1997; Caixeta, 2010; Hermans, 1996, 2001; Santana & Oliveira, 2016; Toledo, 2014; Valsiner, 2002). Essas vozes, que constituem o *self* múltiplo e dialógico, advêm, inicialmente, das vozes dos outros sociais com o quais a pessoa interage (Hermans, 2001). Esses “outros”, ou essas alteridades, não são apenas indivíduos, mas também, instituições, histórias, mitos, enfim, “vozes sociais que participam diretamente da configuração psíquica dos sujeitos” (Toledo, 2014, p. 12).

Desta forma, “os significados de cada posição (pessoal ou social) são construídos a partir das relações dialógicas estabelecidas entre elas, ao longo do tempo, e conforme as características dos contextos socioculturais e relacionais” (Santana & Oliveira, 2016, p. 24). Assim, todas as vivências com as diversas alteridades exigem da pessoa um movimento de posicionamento e reposicionamento, de tomada de decisão, possibilitando, impulsionando e incrementando o eterno devir intrínseco ao ser humano.

A partir da conceituação do *Self* como em uma novela polifônica, Hermans e seus colaboradores o supõem também como narrativamente estruturado e descentralizado, no qual haja uma multiplicidade de posições do “eu” que funcionam como vários autores relativamente independentes, narrando, cada qual, a história de seu respectivo “mim” como ator. Deste modo, os autores extrapolaram o conceito defendido por James da existência de um “eu” geral que administrasse os vários constituintes do “mim” (Belzen, 2009).

Corroborando esse argumento, Souza (2005) afirma que, nesta perspectiva, o *Self* é identificado como autor e ator, “permitindo que o ‘eu’ construa uma história na qual o ‘mim’ é protagonista” (p. 44). Com isto, podemos afirmar que a Teoria do *Self* Dialógico propõe que, em um mesmo indivíduo, coexistem diferentes posições do “eu”, espacialmente situadas (em espaços imaginários), que dialogam e negociam entre si, constituindo o *Self*. As negociações do *Self* ocorrem nos campos dinâmicos que são produzidos a partir das mobilizações do “eu”, nos quais os múltiplos sentidos se constroem. Essas diferentes posições ocupadas pelo “eu” habitam a dimensão interativa entre o que é concebido como interno e externo e funcionam de maneira relativamente autônoma (Moreno & Branco, 2014).

Outro aspecto importante da Teoria do *Self* Dialógico é a narrativa e a ênfase na capacidade imaginativa do *Self*, uma vez que apenas pela imaginação é possível a formação de diferentes histórias para cada posição em que circula o “eu” (Santos & Gomes, 2010). A esse respeito, Massih (2009) afirma que o conhecimento do *Self* dialógico evidencia os múltiplos mundos sociais habitados pelo ser humano, além dos outros tantos reais ou imaginários com os quais convive.

O método da Análise Temática Dialógica

A Análise Temática é um método analítico qualitativo amplamente utilizado em pesquisas de área de Psicologia. Conforme Braun & Clarke (2006), esse tipo de análise “deve ser vista como um método fundamental para análise qualitativa e é o primeiro método que os pesquisadores deveriam aprender, pois fornece habilidades básicas que serão úteis para realizar muitas outras formas de análise qualitativa” (p. 04).

A seguir, apresentamos, de modo geral e resumido, algumas etapas do método de análise temática dialógica, bem como sua aplicação em um exemplo concreto. Porém, consideramos essencial ressaltarmos que uma das principais características desse método analítico, tal qual o da pesquisa qualitativa em si, é sua dinamicidade e flexibilidade, ou seja, a análise das narrativas não ocorre de forma linear, mas, ao contrário, envolve um constante ir e vir no material produzido/analísado, evidenciando, uma vez mais, seu caráter dialógico.

De modo geral, a análise dos dados produzidos durante as entrevistas narrativas, grupos focais e filmagens são tratados pela análise temática dialógica a partir dos seguintes procedimentos: (a) a transcrição das entrevistas; (b) a definição da unidade analítica; (c) a leitura intensiva do material transcrito; (d) a organização das enunciações em temas e subtemas (análise das recorrências, relações e similaridades de significados nas enunciações); (e) a elaboração e análise de mapas semióticos.

a) Transcrição das entrevistas

A transcrição da narrativa é, geralmente, a primeira etapa da análise temática dialógica. É por meio da transcrição que o pesquisador inicia sua imersão e familiarização com os dados produzidos, ainda que tenha sido ele mesmo o interlocutor no momento desta produção. As entrevistas e/ou os materiais verbais produzidos na pesquisa são transcritos na íntegra constituindo arquivos digitais. Durante as

transcrições, além dos enunciados propriamente ditos (palavras pronunciadas), são registradas as pausas, as entonações, as interjeições, as tartamudezes e os silêncios, posto que esses elementos também compõem as enunciações.

b) Definição da unidade analítica

Uma vez realizada a transcrição e considerando-se o arcabouço teórico, o pesquisador já possui dados para definir a unidade analítica que será considerada. É a partir dessa definição que os dados passarão a ser lidos e analisados, buscando-se as conexões existentes.

Na análise temática dialógica, em consonância com os pressupostos do dialogismo bakhtiniano, geralmente as enunciações são tomadas como unidades analíticas. Conforme Bakhtin (1979/2011), a real unidade da comunicação discursiva é o enunciado, que tem como peculiaridade estrutural a alternância dos falantes, implicando o imprescindível princípio da responsividade. Assim,

o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “*dixi*”¹ percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou. (p. 275)

c) Leitura intensiva do material transcrito

Após a transcrição e a definição das unidades analíticas, o pesquisador pode realizar a leitura intensiva do material transcrito, imergindo de forma ainda mais intensa nos dados produzidos. Por meio da leitura e da releitura desse material, torna-se viável a identificação dos temas e subtemas recorrentes e significativos nas enunciações dos participantes nas verbalizações.

Consoante Bakhtin/Voloshinov (1929/2014), o tema é o sentido da enunciação completa e se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem a ela. Ademais, “o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (p. 133).

Nesse sentido, na análise das narrativas, além das transcrições propriamente ditas, as

1 Expressão latina que indica o término de um discurso. Pode ser compreendido como: “Eu disse”, “Tenho dito”.

anotações realizadas pelo pesquisador (sobre suas impressões gerais da entrevista) e os contextos nos quais os participantes se inserem também devem ser levados em consideração.

d) Organização das enunciações em temas e subtemas

Durante a leitura e a releitura dos dados o pesquisador começa a elaborar códigos e a fazer agrupamentos de enunciações com temáticas similares. Essa codificação é muito particular e pode ser realizada por meio de anotações específicas, uso de cores diferentes, tabelas ou mapas mentais que, por exemplo, possibilitem a organização da análise emergente.

Esse processo costuma ser moroso, uma vez que o pesquisador faz relações entre as enunciações e os códigos que vão sendo produzidos e identificados ao longo da análise. Assim, idas e vindas na leitura e nas anotações são recorrentes e esperadas, até que os subtemas sejam agrupados nos temas mais abrangentes identificados.

e) Elaboração e análise do Mapa Semiótico

Realizada a identificação dos temas e subtemas, organizados de forma que expressem as relações elaboradas pelo pesquisador, é possível realizar a elaboração e análise dos mapas semióticos, os quais objetivam expressar as dinâmicas existentes entre os temas e os significados evidenciados nos dados analisados. Por meio da utilização dos mapas, é possível apresentar, sucintamente, os principais resultados encontrados, permitindo a identificação dos temas, dos significados produzidos e das relações entre eles.

Após a construção dos mapas de significados, procede-se a sua análise e discussão. Neste momento, trechos enunciativos considerados representativos dos dados produzidos no decorrer das entrevistas podem ser apresentados, comparados aos mapas construídos e analisados.

Nosso estudo: a aplicação da Análise Temática Dialógica como exemplo

De posse dos pressupostos teóricos da Psicologia Cultural, da Teoria do *Self* dialógico e do Dialogismo, assumimos prontamente como paradigma metodológico a pesquisa qualitativa, considerando sua potencialidade de ampliar as possibilidades de estudos empíricos e levando-se em conta a pluralidade das esferas da vida, a

diversidade das perspectivas e das causalidades dos eventos, a singularidade das construções sociais e a riqueza da construção interativa dos dados (Bauer & Gaskell, 2002; Flick, 2004).

Desta forma, em observância ao caráter dialógico da nossa pesquisa e aos objetivos para ela delineados, optamos pela utilização do método ideográfico que consiste na investigação de casos singulares a respeito do funcionamento geral de um fenômeno estudado. A este respeito, Burrell e Morgan (1979) argumentam que “o método ideográfico dá ênfase à importância de deixar o assunto desdobrar sua natureza e características durante o processo de investigação” (p. 7).

Em consonância com os pressupostos da Psicologia Cultural de que “o lócus básico da cultura existe dentro da mente e de outros organismos sociais” (Valsiner, 2012, p. 320), o método ideográfico pressupõe que a expressão da singularidade de um fenômeno pode evidenciar elementos sociais gerais (Toledo, 2014; Valsiner, 2012). Assim sendo, buscando preservar a complexidade do nosso objeto de estudo, optamos por realizar a presente investigação por meio da análise das narrativas de histórias de vida do/das entrevistado/as, uma vez que corroboramos os argumentos de Atkinson (1998) de que o significado pessoal é, na verdade, construído durante a produção e narração de uma narrativa. É nesse sentido que Benjamin (1994) afirma que “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 9).

Procedimentos de construção de dados

A produção de dados da pesquisa ocorreu por meio de entrevistas narrativas com os participantes. A opção por essa técnica deu-se a partir da nossa compreensão de que a narrativa é uma ferramenta essencial no planejamento da ação humana e no seu processamento de mundo, pois, por meio dela, a pessoa torna-se capaz de representar os seus estados mentais e expressar sua identidade.

De acordo com Bruner (1997, p. 48), a narrativa “se especializa em forjar ligações entre o excepcional e o comum”, ou seja, o narrador lida simultaneamente com a canonicidade (aquilo que as pessoas aceitam tacitamente sobre os comportamentos esperados, de acordo com as “regras” para cada situação) e com a excepcionalidade (os comportamentos que fogem ao canônico). Esta ligação se constrói a partir da capacidade do narrador em resolver conflitos e renegociar significados comuns.

Foi a partir desse entendimento que utilizamos entrevistas narrativas para a construção dos dados da nossa pesquisa, pois nela há uma concomitância, na consciência do protagonista, de eventos mentais e das ações que supomos estar no

mundo real. Nesse sentido foram realizadas duas entrevistas narrativas com cada entrevistado/a, sendo as primeiras engendradas a partir de questões geradoras e as segundas, mediadas pelas primeiras (questões geradas a partir da primeira entrevista).

Por seu caráter narrativo, as entrevistas realizadas não tiveram uma duração pré-estabelecida, uma vez que, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002) e Flick (2004), a narrativa deve possibilitar ao entrevistado narrar livremente e “é crucial para a qualidade dos dados que essa narrativa não seja interrompida nem dificultada pelo entrevistador” (Flick, 2004, p. 111).

Desta feita, após os devidos esclarecimentos quanto ao objetivo da pesquisa e a assinatura dos Termos de Consentimento, apresentamos aos/às participantes as seguintes questões gerativas: Do seu ponto de vista, como foi constituída a sua concepção de gênero no decorrer da sua história de vida? Que elementos você acha que participaram dessa constituição? Para você, sua concepção de gênero influencia sua prática pedagógica? Apresentadas tais questões, solicitamos que os/as participantes falassem livremente sobre suas concepções.

A segunda entrevista realizada com cada entrevistado/a foi mediada por questões geradas a partir das primeiras entrevistas das quais alguns trechos foram selecionados, sendo solicitado ao/às colaborador/as detalhamentos ou explicações que consideramos pertinentes à compreensão de seus posicionamentos.

Todas as narrativas foram gravadas em áudio, perfazendo um total de 5 horas e 28 minutos de gravação.

Quem foram os participantes?

Foram convidados/as para a participação na pesquisa duas professoras e dois professores da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal que atuavam na modalidade educação infantil. Porém, um deles não concordou em participar. Assim, participaram das entrevistas narrativas três professores cujas idades variavam, na ocasião das entrevistas, entre 36 e 48 anos. O quadro a seguir contém, sucintamente, algumas informações sobre o/as participantes:

Dados dos participantes da pesquisa

Nome	Sexo	Idade	Formação	Estado civil	Religião
Ana	Feminino	49 anos	Pedagoga	Casada	Católica
Helen	Feminino	36 anos	Fisioterapeuta, Professora de Educação Física, Mestre em Psicologia	Casada	Sem religião
Ewê	Masculino	40 anos	Professor de Filosofia, Geografia e Teologia; Mestre em Educação	Solteiro	Candomblé

Seleção dos participantes

A seleção de duas participantes da pesquisa (Ana e Helen) ocorreu por indicação de terceiros. Ambas foram indicadas por uma colega do mestrado, que, ao tomar conhecimento do nosso objeto de estudo (concepções de gênero), considerou que os pontos de vista bem definidos de ambas as professoras sobre a temática pudessem ser frutíferos para a reflexão a qual nos propúnhamos a realizar.

O terceiro participante já era nosso conhecido por ocasião de nossa participação em um curso intitulado *Gênero e diversidade na escola: formação de professores/as em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais*, ofertado pelo Ministério da Educação em parceria com a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e a Universidade de Brasília (UnB). Tal curso tinha como público alvo professores/as da Rede Pública de Ensino. Em um dos encontros presenciais, que objetivava a troca de experiências, ouvimos o depoimento desse professor/participante e nos interessamos por sua narrativa sobre o modo peculiar como as pessoas da sua cultura, enraizada nas tradições africanas, encaram as relações de gênero. Assim, ao determinarmos o objeto de estudo da nossa pesquisa, solicitamos à SEEDF o contato desse professor e realizamos o convite para a participação no estudo, que foi aceito imediatamente.

Procedimentos de análise dos dados.

Por compatibilizar-se com os aportes teóricos da pesquisa, o método utilizado no processo analítico dos dados empíricos foi a Análise Temática Dialógica, que consiste na construção de um referencial de codificação que permite a identificação de temas recorrentes e interligados e a análise da dinâmica da construção de significados, considerando o caráter dialógico das interações.

Após a transcrição dos dados, as enunciações foram definidas como unidades analíticas. Foram considerados enunciados cada assertiva dos entrevistados seguida de *dixis* que expressavam o término da ideia e a expectativa pela compreensão responsiva do entrevistador, ainda que essa se restringisse a um olhar, um aceno com a cabeça ou uma expressão como “Ahã!”.

Com essa definição em mente, foi realizada a leitura intensiva do material transcrito para a identificação dos temas e subtemas recorrentes e significativos nas enunciações dos participantes.

Com base na organização das verbalizações do/as entrevistado/as em quadros com temas e subtemas identificados, analisamos as recorrências, as relações e as similaridades de significados presentes nas enunciações. Para tanto, utilizamos cores distintas para sinalizar as recorrências e setas com pontas duplas para indicar as relações e as similaridades, conforme o exemplo da figura 1:

TEMAS E SUBTEMAS – PARTICIPANTE 1 (EXTRATO)

IDENTIFICAÇÃO: sexo feminino, 48 anos, professora, pedagoga, católica, casada, mãe de dois filhos | DURAÇÃO: 41 min., 52 seg. + 35 min.

T	<u>Vivências</u>	<u>Conceito de família</u>	<u>Sexualidade</u>	<u>Adolescência</u>	<u>Religiosidade</u>	<u>Características de meninos e meninas</u>	<u>Conceito de gênero</u>	<u>Homossexualidade</u>
E	como professora							
M								
A								
S								
S								
U	Muitos alunos passaram pela sua mão	Família equilibrada = pai e mãe casados	É escolhida	Época frágil	É uma Convicção	Acha desconfortável achar que a criança não tem sexo definido+	Acho que a escolha do sexo vem na adolescência	É uma coisa bem comportamental, cultural
B								
T								
E								
M								

A	Prefiro que meninas sejam femininas e meninos masculinos	Influencia na forma como trata os alunos	É influência da cultura	Fase conflitante	Vem dentro para fora	Não via nenhuma criança desconfortável quando classificada como menino e menina	Sinto muita pena dos adolescentes que têm que fazer escolhas	Surge na adolescência
S	Uma menina um pouco mais masculina	Influencia na sua ideia de sexualidade de gênero	A escolha da sexualidade ignora a identidade	Na adolescência há a libertação ou adesão à religião	A religião dá os exemplos. O exemplo de família,	Turma masculina (bater, machão, fortes, correm, pulam...)	Biologicamente somos determinados na nossa identidade: masculino ou feminino	Tem a ver com traumas e problemas psicológicos ou hormonais
	- menino com duas mães			A criança é muito transparente e não consegue esconder, mas o adolescente sim	A vocação das pessoas é uma escolha de Deus	Quero que realmente menino seja masculino e menina feminino e que isso seja a identidade deles	Nunca ouviu dizer "não sabemos se é menino ou menina"	Se o homem se relaciona com outro homem pode ser uma coisa interna, hormonal, psicológica ou ligada a traumas
	-Apenas um menino com trejeitos femininos				a identidade religiosa não é determinada pelo biológico		Em mais de duas décadas do trabalho como professor a não viu nenhuma criança com identidade contrária a que veio de nascimento	
	-Adotado		É mais fácil você se associar ao mesmo sexo do que com sexo diferente	É quando o jovem fica em dúvida sobre a sexualidade	X	Apenas duas alunas com personalidade mais forte		É mais fácil você se associar ao mesmo sexo do que com sexo diferente
	-Com acompanhamento psicológico				Identidade de gênero é determinada pelo biológico			

	-No fim do ano pôde ver um menino normal+						to	
	Favoreço que brinquem com grupos de mesmo sexo		Causa uma pane na cabeça		A religião dá os exemplos. O exemplo de família,	Essa é a sua convicção	Um médico experient e relatou que nunca viu uma criança sem gênero determinado	O homem nasce biologicamente pronto para se relacionar com uma mulher
	Tenho tranquilidade para falar de gênero		A sexualidade vem de dentro pra fora			É importante para ela	Essa escolha é mais um problema na cabeça	
			É biologicamente definida					
			A pessoa nasce com ou sem					

Figura 1. Recorrências e similaridades de significados dos temas e subtemas da narrativa a participante 1 (extrato).

A partir dessa análise foram construídos mapas de significados que objetivaram expressar as dinâmicas existentes entre os temas e os significados evidenciados nas entrevistas. Por meio da utilização dos mapas, pretendeu-se apresentar, sucintamente, os principais resultados encontrados, permitindo a identificação: (a) dos elementos constitutivos das concepções de gênero dos participantes; (b) da dinâmica das relações entre esses elementos; e (c) das concepções sobre gênero construídas por cada um deles, revelando, assim, a produção de significados de cada entrevistado.

Consideramos importante explicitar que, embora os mapas de significados tenham sido elaborados a partir das narrativas dos participantes, a identificação das alteridades, dos elementos constitutivos e das concepções sobre gênero apontadas é produto do processo interpretativo das pesquisadoras, sem a atuação direta dos participantes. Como exemplo, apresentamos a figura 3 que refere-se ao mapa de significados construído a partir das narrativas da participante 1, nomeada Ana.

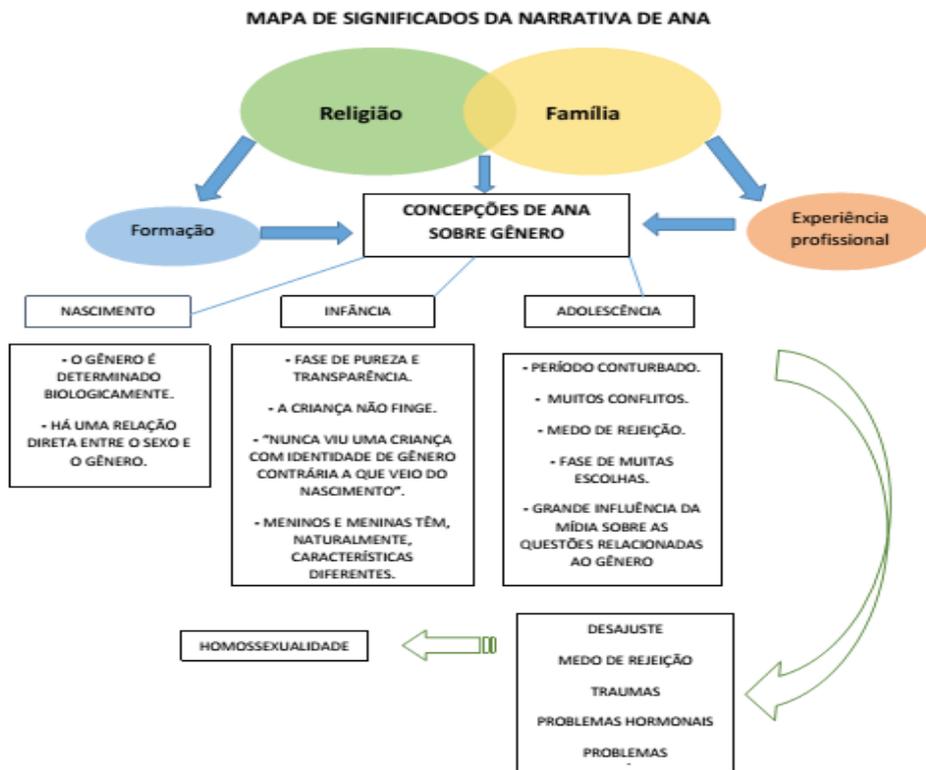


Figura 2. Mapa de significados da narrativa de Ana (participante 1).

Após a construção dos mapas de significados, procedemos à sua análise e discussão. Tal análise foi realizada em dois momentos distintos: inicialmente analisamos os elementos que influenciaram na construção das concepções de gênero dos entrevistados. Em um segundo momento, analisamos as concepções construídas por eles e como elas se relacionam entre si e com os fatores que geraram a sua emergência.

A análise dos três mapas de significados construídos a partir das narrativas dos participantes evidenciou a presença de quatro elementos comuns aos três: família, religião, experiência profissional e formação acadêmica. Com maior ou menor reincidência, cada um desses elementos foi citado pelos entrevistados como constituintes das suas concepções de gêneros, o que foi observado a partir da menção desses termos nas unidades de análise. Por meio da figura 4 procuramos demonstrar essa recorrência, de modo que cada seta representa um dos elementos supracitados. Assim, quanto mais próximo da ponta da seta o nome do participante estiver, maior terá sido a recorrência desse elemento em sua narrativa. Buscamos, ainda demonstrar que todos esses elementos, assim como os sujeitos da pesquisa, estão embrenhados

numa circularidade cultural. A partir dessa lógica, obtivemos a seguinte ilustração:

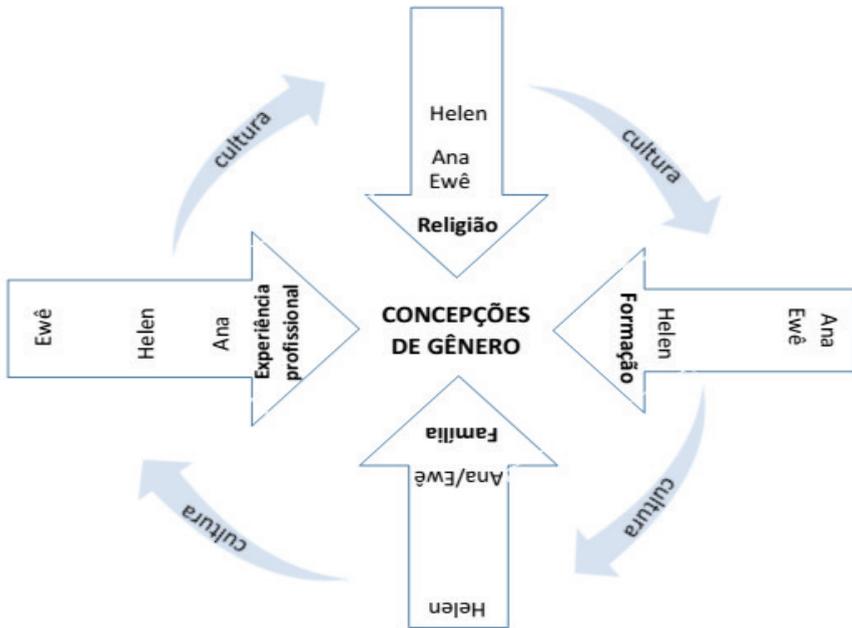


Figura 3. Recorrência dos elementos constitutivos das concepções de gênero nas narrativas dos participantes.

Ao observarmos a ilustração contendo os elementos constitutivos das concepções de gênero dos entrevistados e a posição de cada um deles nestes elementos, retomamos brevemente nossa discussão teórica no sentido de ratificarmos nossa compreensão de que o sujeito é constituído historicamente a partir de suas experiências e suas interações com as mais diversas alteridades, colocando-se como agenciador de seu desenvolvimento por meio das negociações de significados (Bruner, 1997; Caixeta, 2010; Madureira, 2007; Rosa, em prelo; Toledo, 2014; Vigotsky, 2007; Wertsch, 1993).

Como vimos, embora os elementos *família*, *religião*, *experiência profissional* e *formação* tenham emergido nas narrativas de todos os entrevistados da pesquisa, a participação de cada um deles foi diferente para cada pessoa, o que, obviamente, findou pela construção de distintas concepções de gênero. A esse respeito compreendemos que as declarações dos participantes da pesquisa podem estar refletindo que: (1) em termos bakhtinianos, a heteroglossia ou a multiplicidade de vozes do contexto social, cultural e ideológico no qual eles estão inseridos constituem os seus enunciados e da produção de significados (Faraco, 2009), e (2) embora, de modo geral, estejamos todos imersos em uma mesma cultura, cada sujeito lida com o seu ambiente

intrapésquico polifônico, que é formado pelas diversas vozes com as quais ele interagiu durante sua história de vida e suas experiências. Desse modo, cada qual realiza idiossincraticamente as suas significações, negociando e se posicionando frente às ideologias e aos circunscritores com os quais convive.

Consideração Finais

A análise temática dialógica é um método analítico que tem sido utilizado em pesquisas qualitativas nas Ciências Humanas para identificar, analisar e reportar temas a partir dos dados produzidos em consonância com a perspectiva dialógica do desenvolvimento humano. Este artigo apresentou, de forma sucinta, algumas etapas para a realização desse tipo de análise, quais sejam: (a) a transcrição dos dados produzidos; (b) a definição da unidade analítica; (c) a leitura intensiva do material transcrito; (d) a organização das enunciações em temas e subtemas (análise das recorrências, relações e similaridades de significados nas enunciações); (e) a construção de mapas semióticos e (f) a análise e discussão dos mapas semióticos. A partir do exemplo apresentado, observamos que o método de análise temática dialógica possibilitou aos pesquisadores a identificação de que as concepções de gênero do/as professor/as participantes da pesquisa em questão eram variadas e correlacionam-se com as concepções difundidas socialmente, e que os elementos constitutivos religião, família, formação e profissão apareceram amalgamados nas dinâmicas de significação nas concepções de gênero dos entrevistados.

Pesquisadores do grupo de pesquisa Pensamento e Cultura do Laboratório *Ágora Psyché*, do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília, (Borges, 2006; Caixeta, 2001; Caixeta & Barbato, 2004; Carlucci 2013; Góis, 2017; Peres, 2017; Santos, 2015, Silva, 2017), por exemplo, têm empregado o método de análise temática coadunado às prerrogativas do dialogismo bakhtiniano, de modo a analisar as narrativas dos participantes dos estudos sob perspectivas dialógicas tendo como consequência análises que evidenciam as dinâmicas das interações e das construções de significados.

Assim, podemos considerar que a análise temática dialógica, sendo uma abordagem flexível, pode ser um método analítico profícuo em pesquisas qualitativas em Ciências Humanas, podendo ser usada em uma variedade de epistemologias. Sua utilização pode produzir uma análise perspicaz que responda às questões específicas de pesquisa e aponte para pesquisas futuras relacionadas ao tema pesquisado.

Referências

- Antsiferova, L.I. (1997). Principio de la relación entre psiquis y actividad. Em J.L Hurtado & B.D.Gondar (Org.). *Superacion para profesores de psicologia*. La Habana: Ed. Universitária.
- Atkinson, R. (1998). *The life story interview: Qualitative research method*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bakhtin M./Voloshinov, V. (1929/2014). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (M. Lahud & Y. F. Vieira, Trads.). São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. M. (1979/2011). *Estética da criação verbal*. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Barbato-Bloch, S.B.B. (1997). *O processo de produção textual de uma jovem com Síndrome de Down: Explorando novos espaços discursivos*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília. Brasília.
- Borges, F. T. (2006). "Tantos jeitos de ver!": Um estudo sobre os significados de olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia. (Tese de doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2),77-101. ISSN 1478-0887 Available from: <http://eprints.uwe.ac.uk/11735>
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Caixeta, J. E. (2001) *A mulher em envelhecimento no seu cotidiano: diálogos, textos e imagens sobre a identidade feminina*. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília.
- Caixeta, J. E. (2001). *A mulher em envelhecimento no seu cotidiano: Diálogos, textos e imagens sobre a identidade feminina*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Caixeta, J. E. (2006). *Guardiãs da memória: Tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos*. (Tese de doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Caixeta, J. E., & Barbato, S. B. (2004). Identidade feminina – um conceito complexo. *Paidéia*, 14, 28, 211-220. 165
- Carlucci, A. P. (2013). *De mediador a elo promotor: Um estudo sobre os*

posicionamentos plurais de professores em contextos virtuais de aprendizagem. (Tese de doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Carlucci, A.P., Barbato, S. B., & Carvalho, O. F. (2011). A construção da identidade profissional na adultez em emergência. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11, 2, 566-589.

Cunha, M.I (1997) Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista Faculdade de Educação*, 23(1-2), 01-09.

Delamôra, M. (2003). *Narrativas de mulheres trabalhadoras: mudanças e permanências nos significados sobre o 'ser mulher'*. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília.

Faraco, C. A. (2009). *Linguagem & diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial.

Figueiredo, L. C. M. (2008). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.

Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (S. Netz, Trad.). Porto Alegre: Bookman.

Góis, D. N. (2017). *Produção da identidade docente e profissional na educação de jovens e adultos*. (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Harré, R., & Van Langenhove, L. (2003). Introducing Positioning Theory. In R. Harré & L. Van Langenhove (Eds.), *Positioning Theory: Moral contexts of intentional action*. (pp. 14-31). Massachusetts, USA: Blackwell Publishers Ltd.

Hermans, H. (1996). Voicing the Self: From information processing to dialogical interchange. *American Psychological Association PsycNET*, 119, 1, 31-50.

Hermans, H. (2001). The construction of a personal position repertoire: Method and practice. *Culture and Psychology*, 7, 323-366.

Jovchelovitch, S., & Bauer, M.W. (2002). Entrevista narrativa. In: M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.

Leontiev, A.N. (1980) *Problemas del desarrollo del psiquismo*. Havana: Editorial Pueblo y educación.

Madureira, A. F. A. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: A construção de uma cultura democrática*. (Tese de doutorado não publicada).

Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Madureira, A. F. A., & Branco, A. M. C. U. A. (2014). Gênero, sexualidade e desenvolvimento humano: Construindo uma cultura democrática na escola. In M. A. Dessen & D. A. Maciel (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano: Desafios para a psicologia e a educação* (pp. 145-168). Curitiba: Juruá.

Massih, E. (2009). A Teoria do Self Dialógico e a Psicologia Cultural da Religião na Psicoterapia de Religiosos. *Revista de Estudos da Religião*, 12, pp. 53-67.

Moreno, M. R., & Branco, A. M. (2014). Desenvolvimento das significações de si em crianças na perspectiva dialógico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 19, 4, 599-610.

Peres, S. G. (2017). *O processo de significação da professora contadora de história e a interação com crianças no contexto da biblioteca escolar*. (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Santana, A. C., & Oliveira, M. C. S. L. (2016). Desenvolvimento humano: Aproximações a uma perspectiva semiótica e dialógica. In M.C.S.L. Oliveira, J. F. Chagas-Ferreira, G. S. M. Mieto, & R. Beraldo (Eds.), *Psicologia dos processos de desenvolvimento humano: Cultura e educação* (pp. 13-32). Campinas, SP: Alínea.

Santos, J. C. (2015) *A produção de sentidos intergeracional de homens sobre o planejamento familiar*. (Tese de doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Santos, M. A., & Gomes, W. B. (2010). Self dialógico: Teoria e pesquisa. *Psicologia em Estudo*, 15, 2, 353-361.

Silva, C. C. (2017). *Religião, família, formação e profissão: A amálgama no processo de significação das concepções de gênero em professores*. (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Souza, M. L. (2005). *Self semiótico e self dialógico: Um estudo do processo reflexivo da consciência* (Tese de doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Valsiner, J. (1997). *Culture and the development of children's action: A theory of human development*. New York: John Wiley & Sons.

Valsiner, J. (2002). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the Self. *Theory & Psychology*, 12, 251-265.

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da mente, mundos*

da vida. (A. C. S. Bastos, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

Vieira, A. G. (2001). Do conceito de estrutura narrativa à sua crítica. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 14(3), 599-608.

Wertsch, J. V. (1993). *Voices of the mind: A socialcultural approach to mediated action*. Harvard: Harvard University Press. (Prerequisite).

Wertsch, J.V. (1998). *Mind as action*. New York: Oxford University Press.

Cátia Cândido da Silva: *É professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal desde 1997, atuando também como Orientadora Educacional. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília (2001) com habilitações em Orientação Educacional e Educação Especial. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2013).*

Fabrcia Teixeira Borges: *É professora da Universidade de Brasília no Instituto de Psicologia (IP), coordenadora do Programa de Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDS). Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1994), mestre (1997) e doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (2006). Pós doutorado na Universidade Autônoma de Madrid (UAM) (2014). fabricia.borges@gmail.com*